

## Notas sobre a criação da Comissão Especializada em Rios

*Rui M.L. Ferreira, associado nº 1848,*

*Ana Margarida Ricardo, associado nº 1745*

*João Nuno Fernandes, associado nº 1825*

*Elsa Carvalho, associado nº 1757*

*Ana Margarida Bento, associado nº 1827*

*André Batoréu, associado nº 1549*

*Manuela Lima, associado nº 1804*

*Afonso Fernandes, associado nº 1890*

*Ana Margarida Sousa, associado nº 1853*

*"I do not know much about gods; but I think that the river  
Is a strong brown god—sullen, untamed and intractable,  
Patient to some degree, at first recognised as a frontier;  
Useful, untrustworthy, as a conveyor of commerce;  
Then only a problem confronting the builder of bridges.  
The problem once solved, the brown god is almost forgotten  
By the dwellers in cities—ever, however, implacable.  
Keeping his seasons and rages, destroyer, reminder  
Of what men choose to forget. Unhonoured, unpropitiated  
By worshippers of the machine, but waiting, watching and  
waiting."*

Excerto de "The Dry Salvages (No. 3 of 'Four Quartets')",  
T.S. Eliot, 1941"

A constituição da Comissão Especializada em Rios (CER) foi ratificada na Assembleia Geral da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos (APRH) de 16 de Abril de 2024. Foi proposta pelos associados da APRH Afonso Barbosa, Ana Margarida Bento, Ana Margarida Ricardo, Ana Sousa, André Batoréu, Elsa Carvalho, João Fernandes, Maria Manuela Lima e Rui M.L. Ferreira. A CER herda o programa da Comissão Especializada em Hidráulica Fluvial (CEHF), que cessou de existir na mesma data, mas ambiciona um âmbito mais lato, visando um

tratamento multisectorial e interdisciplinar das temáticas relevantes para os rios portugueses.

Na formulação do âmbito da CER está implícito que a antiga Comissão Especializada em Hidráulica Fluvial já não seria o instrumento da APRH mais adequado para fazer face aos desafios associados aos rios portugueses, o que merece uma reflexão. A CEHF iniciou as suas actividades em 2009, respondendo a um desafio do então Presidente da APRH, Jorge Matos. Promovida pelos associados Elsa Alves, João Leal, Mário Franca, Rodrigo Maia e Rui M.L. Ferreira, teve a sua constituição ratificada na Assembleia Geral da APRH de Julho de 2009. A formação da CEHF representava o reconhecimento da importância da Hidráulica Fluvial como disciplina de engenharia e a sua evolução recente no contexto português. Dinamizada essencialmente por membros vindos da academia e de laboratórios do estado, a CEHF procurou estimular o enriquecimento do conhecimento sobre temas da física dos rios, associado ao incremento da qualidade da investigação fundamental e aplicada, e a utilização desse conhecimento em intervenções de engenharia fluvial.

Neste contexto, os membros da CEHF procuraram criar instâncias de discussão e troca de ideias, incluindo seminários e eventos de debate, mas também cursos especializados, colocando investigadores e engenheiros portugueses em contacto com especialistas internacionais. A investigação realizada pelos membros da CEHF foi divulgada e comunicada nas conferências da responsabilidade da APRH, como o Congresso da Água ou o SILUSBA, e publicada na revista Recursos Hídricos. Mais importante, a CEHF acompanhou a formação de jovens que se especializaram em Hidráulica Fluvial e que constituem hoje um corpo de profissionais com capacidade e conhecimentos para realizar intervenções de engenharia fluvial e de investigadores em temas fundamentais da física dos rios.

A CEHF cumpriu os seus objectivos quanto à aquisição e divulgação de conhecimento sobre os processos físicos dos rios e à formação de uma comunidade técnica que aplica esses

conhecimentos. Mas os rios são muito mais que os seus processos físicos. Os rios articulam natureza e cultura – são numerosos os exemplos de comunidades humanas que dependem dos rios para suprir as suas necessidades materiais e que, simultaneamente, os tomam como elementos essenciais para elaborar a sua dimensão espiritual. São distintos os modos pelos quais as comunidades estabelecidas junto de rios densificam as formas de interacção entre agentes humanos e não humanos. Todavia, pode afirmar-se que há invariantes nesses modos e que os processos físicos, bioquímicos e ecológicos que ocorrem nos rios são a condição de possibilidade de empreendimentos humanos, sejam paisagísticos, económicos, sociais ou políticos. Reciprocamente, é evidente que as actividades humanas têm impactes significativos nos processos naturais.

Se nada disto é novo e se é verdade que o carácter multidimensional dos rios é bem conhecido, também é verdade que a tomada de consciência da crise climática e a adopção de objectivos globais concretos de desenvolvimento sustentável tem induzido uma evolução na forma como entendemos e nos relacionamos com os rios – de recurso hídrico, cuja sustentabilidade importa salvaguardar, para entidade cuja relevância não decorre da sua utilidade para usos humanos, mas sim de processos de significação mais complexos. Esta evolução tem tido expressão no quadro normativo ambiental, Europeu, em particular, resultando que, hoje, qualquer intervenção técnica no espaço fluvial requer uma forte contextualização ambiental, económica, social e cultural.

Cumpridos os objectivos iniciais da CHEF, colocou-se aos proponentes da CER a questão de como contribuir para que a APRH enderece os temas e desafios actuais suscitados pela evolução da nossa percepção dos rios, neste quadro de grande exigência quanto à integração de práticas e saberes distintos. A resposta passa por estabelecer mais e mais complexas relações entre quem conhece os processos físicos, bioquímicos e ecológicos e quem aborda os aspectos paisagísticos, sociais, legais ou políticos, associados aos rios. Os actuais proponentes da CER não têm a pretensão de deter todas as competências necessárias para responder à complexidade dos desafios associados à nossa interacção com os rios. Têm claro, no entanto, que só a diversificação de temas e integrantes da CER permitirá uma densidade de ligações, a outras Comissões Especializadas da APRH, aos Núcleos Regionais, e a entidades fora da APRH, consistente com um tratamento verdadeiramente multisectorial e interdisciplinar dos desafios inerentes a uma nova relação com os rios.

A relação da CER com os Núcleos Regionais desenvolver-se-á naturalmente, à semelhança do que aconteceu com a CEHF, uma vez que em todas as regiões existem rios que colocam desafios ou oportunidades. A actual formulação da CER assume ligações naturais e possibilidade de trabalho conjunto com as Comissões Especializadas de Água, Agricultura e Florestas, Água e Energia, Qualidade da Água, Zonas Costeiras e do Mar, e Água, Território e Cultura.

No espaço fluvial surgem ameaças e desafios resultantes de actividades humanas antagónicas entre si e potencialmente danosas para a qualidade desses espaços. As ameaças mais antigas, e mais persistentes, serão a poluição, a perda de habitats e a sobre-exploração. A colaboração com as Comissões Especializadas de Água, Agricultura e Florestas e Qualidade da Água e dos Ecossistemas, permitirá agilizar acções de sensibilização e a formular respostas técnicas (com enquadramento social e político) a problemas concretos, no actual quadro normativo.

A perda de habitats naturais acompanhou o desenvolvimento das sociedades humanas. Acrescem riscos associados à exploração dos rios para fins hidroeléctricos - a fragmentação dos rios e os picos de caudal turbinado. No espaço Europeu, pretende-se reverter esta tendência e restaurar a conectividade de uma quantidade substantiva de cursos de água no horizonte próximo. Aqui os desafios fundamentais consistem em estudar e avaliar a resposta hidromorfológica dos rios e dos seus ecossistemas e divisar medidas de compatibilização de usos. Neste sentido, surge naturalmente a colaboração com as Comissões Especializadas de Água e Energia e Qualidade da Água e dos Ecossistemas.

Outro desafio é colocado pela dinâmica global das migrações de pessoas e de espécies animais e vegetais que concorre para aumentar o risco de destruição de habitats por espécies invasoras. Neste campo, a ciência cidadã tem procurado avanços na detecção precoce de problemas e de mitigação dos mesmos. No que diz respeito ao espaço fluvial e à APRH, a CER em conjunto com a Comissão Especializada de Qualidade da Água e dos Ecossistemas tem condições para fomentar esse tipo de iniciativas.

De entre as formas emergentes ou consolidadas de poluição dos rios saliente-se a dos plásticos. É frequente dizer-se que a resolução dos problemas de micro-plásticos no mar resolve-se nos rios. Neste sentido, note-se que são já frequentes as iniciativas de ciência cidadã que pretendem monitorizar e mitigar a incidência de plásticos, no mar, mas

também nos rios. Surge aqui uma possibilidade de colaboração com a Comissão Especializada de Zonas Costeiras e do Mar, não só em iniciativas de caracterização das fontes e destino da poluição, mas também no desenvolvimento de propostas de intervenção para reduzir o volume de plásticos no espaço fluvial.

O actual contexto da crise climática, em particular se se verificar a tendência para o aumento da frequência de secas severas, potencia a ameaça da sobre-exploração dos recursos hídricos. A ameaça da seca poderá conduzir a soluções de aumento da capacidade de retenção em albufeiras. Este é um campo em que as decisões que implementam a estratégia nacional de intervenção terão que ser sustentadas por um conhecimento profundo das dinâmicas do espaço fluvial e alimentadas por uma discussão aberta a toda a sociedade. Para este trabalho, a CER, herdando a competência específica em hidromorfologia da CEHF, deverá pugnar para que o conhecimento científico dos processos físicos não fique de fora do debate no espaço cívico e do resultado das decisões políticas.

Em alguns rios, a dimensão simbólica tem sido mantida e alimentada pelas suas comunidades. Noutros, frequentemente em sociedades em que os processos de industrialização reduziram a relação com os rios à dimensão utilitária, a conexão das comunidades ao seu rio é limitada. Nestes casos, coloca-se a questão da reconexão aos rios, assumindo que são fonte de bem-estar para as comunidades humanas, sem comprometer o respeito pelos ecossistemas, a articulação com outros usos e sem empreender comportamentos de risco. Neste contexto, surgem oportunidades de colaboração com a Comissão Especializada de Água, Território e Cultura, por exemplo em iniciativas que promovam actividades criativas ou que retomem a memória dos lugares como estratégias de reconexão.

Em 1941, quando T.S. Elliot escreveu os "Four Quartets", a atitude predominante em relação aos rios, nas sociedades denominadas ocidentais, era ainda a de domesticação. A engenharia fluvial garantia o desenvolvimento industrial e económico e a segurança contra cheias. Essa atitude entrou em rápido declínio após a guerra, para ser substituída pelo que se veio a tornar a abordagem dominante de hoje, que reconhece as múltiplas funções dos rios, químico-físicas, ecológicas, sociais ou económicas.

Há um aspecto que tem mudado mais lentamente – a nossa relação com os rios foi formada por ciclos de danos e curas. Às cheias sucedia-se a linearização dos rios, à linearização sucede-se a

renaturalização. Os rios têm sido problemas para os quais procuramos encontrar soluções. Talvez seja este o tempo de procurar uma outra relação com os nossos rios, baseada num investimento emocional mais completo que permita concebê-los não como agressores ou vítimas, mas como parceiros num mesmo contínuo socio-ecológico. Não há nesta proposta qualquer intenção de obscurantismo – pelo contrário, como em qualquer relação, quanto mais profundo for o conhecimento, e, nesta relação, importa fundamentalmente o conhecimento científico, mais lato o leque de possibilidades de evolução em conjunto.

Se os rios fossem seres sencientes, estariam possivelmente "à espera, observando e à espera", como diz o poema, não para concretizar uma ameaça (como uma leitura superficial poderia indicar), mas sim à espera de ver estabelecida uma relação diferente com a Humanidade. Uma relação não determinada por uma matriz de culpa e redenção, mas por um desequilíbrio fecundo entre curiosidade e experimentação. É talvez este o resumo deste texto – é para essa relação que a CER pretende contribuir.